

## Apresentação

Desde o nosso último Congresso Nacional, realizado em Natal (RN), em setembro de 2008, o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) vem consolidando-se como um dos principais movimentos de massas na luta pela reforma urbana no Brasil, organizando o povo pobre que vive nas cidades brasileiras para defender seus direitos, em especial o direito humano de morar dignamente, e lutar por um país sem desemprego e fome, um país socialista.

Para fazer um balanço desse trabalho, aprofundar nossa linha política, aperfeiçoar nossa organização interna e definir nossas novas tarefas frente à conjuntura de crise do capitalismo, realizaremos nos próximos dias 13, 14 e 15 de outubro o nosso 3º Congresso Nacional, desta vez em Brasília, e que terá como tema “*Morar dignamente é um direito humano*”. É dever de todos os militantes do MLB contribuir de todas as maneiras para o êxito do nosso 3º Congresso Nacional e para o desenvolvimento ainda maior da nossa luta.

O documento que agora apresentamos aos companheiros e companheiras do MLB e aos nossos amigos e parceiros é fruto da experiência prática acumulada pelo movimento e do esforço coletivo da sua Coordenação Nacional, e deve servir de base para as discussões a serem desenvolvidas ao longo de todo processo de preparação ao 3º Congresso Nacional e no próprio Congresso. Conhecê-las, estudá-las e compreendê-las deve ser, portanto, uma tarefa de todos os militantes do MLB e dos que desejam ver avançar em nosso país a luta pela reforma urbana e pelo socialismo. Bom estudo!

Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas  
Coordenação Nacional  
1º de setembro de 2011

## A crise do capitalismo e as tarefas do MLB

Como estamos assistindo, a saída do capitalismo para a atual crise econômica, a maior e mais profunda desde a Segunda Guerra Mundial, é impor mais sofrimento aos trabalhadores e aos povos do mundo.

Por isso, todos os governos adotam medidas econômicas, tais como a demissão de funcionários públicos, privatizações de empresas estatais, redução de salários, ampliação da jornada de trabalho, cortes nos investimentos em serviços públicos como educação, moradia e Saúde, aumento da idade para o trabalhador se aposentar e redução dos impostos para as grandes empresas e bancos.

O objetivo dessas medidas não é outro senão obter ainda mais dinheiro para pagar os escandalosos juros das dívidas públicas e, dessa forma, manter o sistema financeiro internacional e garantir os lucros da oligarquia financeira, uma minoria de parasitas que vivem à custa do suor dos trabalhadores.

Com efeito, depois de três anos salvando bancos e monopólios da falência, a maioria dos governos capitalistas estão atolados em dívidas impagáveis.

O Japão tem a maior dívida bruta: 227% do seu Produto Interno Bruto (PIB). A Itália, uma dívida de 119% do PIB e a Alemanha, de 69%.

A dívida bruta federal dos Estados Unidos cresce por mês 118 bilhões de dólares e já atingiu a astronômica cifra de 14,5 trilhões de dólares, devendo, até o final do ano, ultrapassar os 100% do PIB.

Na Grécia, o governo, para receber um novo empréstimo do FMI e da União Europeia, teve que vender sua soberania, demitir 150 mil trabalhadores, privatizar empresas públicas, cortar verbas para a educação e a saúde, aumentar a jornada de trabalho e reduzir o salário mínimo.

Mas não são só a Grécia e os Estados Unidos que estão à beira de um calote. Somadas as dívidas dos países europeus que declaradamente não têm condições de pagar, o montante chega a 5,5 trilhões de euros.

Como vemos, o capitalismo está levando o mundo ao caos, à ruína e à destruição. Apesar do tão propalado aumento da produtividade, esse sistema é incapaz de acabar com a fome e o desemprego no mundo e de garantir um futuro para os povos.

Assim, a única alternativa dos trabalhadores, dos jovens e das mulheres é a luta contra a pobreza, o alto custo de vida, a corrupção e as falsas democracias. A propaganda enganosa de que o capitalismo traria liberdade e bem-estar para todos caiu por terra, e bilhões de pessoas se conscientizam de que o paraíso capitalista não passa de uma grande ilusão. E é, sem dúvida, o que vemos acontecer em todos os continentes.

De fato, os mesmos grandes meios de comunicação da burguesia que há vinte anos comemoraram a queda do Muro de Berlim e dos governos do Leste Europeu, o fim da história e da classe operária, agora estampam manchetes sobre greves dos trabalhadores, passeatas estudantis, insurreições e a derrubada de governos pró-imperialistas em vários países.

Na Grécia ocorreram cinco greves gerais no último ano. Na França, 2,87 milhões de trabalhadores ocuparam as ruas contra a reforma da previdência e em defesa de empregos e salários. Na Espanha, com a adesão de mais de 70% da população, os trabalhadores pararam contra a redução do salário dos funcionários públicos. Também organizaram greves gerais os trabalhadores da Irlanda, Portugal, Letônia, Lituânia, Polônia, República Checa, Romênia, Sérvia, Chipre, Itália, da África do Sul e de várias províncias da China. Nos EUA, apesar do silêncio dos meios de comunicação, é cada vez maior o número de greves e mobilizações contra os cortes nos programas sociais e demissões de funcionários públicos.

No final do ano passado, foi a vez dos povos africanos e árabes afirmarem que não estavam mais dispostos a viver sob o tacão de governos fascistas e corruptos e conviver com o desemprego e a pobreza em seus países.

Primeiro se levantou o povo tunisiano contra a ditadura de Ben Ali, que durante 23 anos e sob a proteção de sucessivos governos da França e dos EUA promoveu assassinatos de opositores, encheu as cadeias de presos políticos, praticou gigantescas fraudes eleitorais e promoveu a maior corrupção da história da Tunísia.

Inspirados pela insurreição tunisiana, milhares de trabalhadores e estudantes egípcios promoveram gigantescos protestos contra o ditador Hosni Mubarak, há 30 anos no poder e importante aliado dos EUA na região. Mas como não há no mundo força maior que um povo em luta, o ditador egípcio teve que abandonar o poder. Foi um mês inteiro de passeatas, greves, manifestações e ocupações nas principais cidades do Egito

As revoltas populares na Tunísia e no Egito viraram um rastilho de pólvora que se espalhou por dezenas de países. Vigorosas manifestações clamam por mudanças no Bahrein, Marrocos, Líbia, Irã, Iraque, Jordânia, Arábia Saudita, Iêmen, Sudão e Argélia.

Na Líbia, a população assumiu o controle de várias cidades e impõe um cerco ao governo de Muammar Kaddafi, que caiu em desgraça junto ao povo após abandonar os ideais do movimento que o levou ao poder, fazer acordos com as multinacionais do petróleo, apoiar a política externa dos EUA e ser denunciado por enriquecimento ilícito de sua família.

Logo, não há como deixar de reconhecer que o adormecimento deu lugar a um despertar de sonhos e de luta. E no Brasil não é diferente.

De fato, ao mesmo tempo em que cresceu a riqueza dos capitalistas no Brasil, aumentou a exploração dos trabalhadores e o empobrecimento da maioria da população brasileira.

Hoje são mais de 35% dos brasileiros passam fome, 7,2 milhões de famílias não têm moradia, 100 milhões não são atendidos pelo sistema de esgoto e mais de 25 milhões estão desempregados ou subempregados, segundo dados do IBGE.

Tem mais: atualmente o salário mínimo é de apenas R\$ 545,00 e 67% dos trabalhadores estão desprotegidos de seus direitos trabalhistas; portanto, quase 30 milhões de pessoas não têm cobertura da seguridade social nem direitos trabalhistas.

Nas cidades brasileiras, 10 milhões de habitações são insalubres e impróprias para a sobrevivência humana por se tratarem de casebres, cortiços, favelas e barracos e 16 milhões de brasileiros não têm o lixo de suas casas recolhido. No campo, a reforma agrária não sai do papel, deixando 4,5 milhões de famílias sem terra para plantar, embora o Brasil seja o país de maior concentração de terras do mundo.

Como vemos, de um lado uma minoria de patrões se apropria de tudo que os trabalhadores produzem, enquanto que do outro, milhões e milhões de brasileiros sobrevivem com apenas um salário mínimo e, na maioria das vezes, com menos.

E se tudo isso não bastasse, o Governo Federal, em vez de priorizar a saúde, educação, moradia e saneamento, continua destinando bilhões de reais para banqueiros e especuladores da bolsa, como prova o corte de R\$ 50 bilhões realizado no orçamento desse ano.

Apesar disso, nosso povo nunca se intimidou diante das injustiças típicas do capitalismo. Ao contrário. Há séculos lutamos contra a exploração e por um país melhor. O Quilombo dos Palmares, a Cabanagem, a resistência de Canudos, o Levante Comunista de 1935, a resistência à Ditadura Militar de 1964 e tantas outras lutas deixam evidente que nosso povo nunca foi de baixar a cabeça, nunca se rendeu, tampouco desistiu de lutar.

Será, portanto, com a luta que o povo se libertará desse sofrimento imposto pelos capitalistas e construirá um país verdadeiramente democrático, um país socialista.

Logo, o momento exige dos trabalhadores mais iniciativa, redobrar a energia e multiplicar as lutas populares. E nesse contexto, a ação do MLB é fundamental para organizar e mobilizar o povo pobre que vive nos bairros, vilas e favelas do país. Nosso 3º Congresso Nacional deve, portanto, discutir e resolver o problema do crescimento do MLB e iniciar uma grande jornada de luta por moradia, saneamento, trabalho e por uma vida digna.

### A situação da moradia no Brasil

Apesar dos novos programas habitacionais criados nos últimos anos e do aumento dos investimentos em habitação, falta de moradia é um problema que continua a crescer no Brasil, como aponta a Pesquisa de Informações Básicas Municipais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o estudo, mais de 80% dos municípios brasileiros sofrem com a falta de moradia. Em 2001, eram 56,01% cidades nessa situação.

Ainda segundo o IBGE, 25 milhões de domicílios no Brasil são considerados inadequados para a moradia. A pesquisa do IBGE sugere a existência de “dois Brasis”: um, menos desenvolvido, formado pelas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com índices inferiores à média nacional; e outro com indicadores acima da média, composto pelas regiões Sul e Sudeste.

Hoje, não são apenas crianças, mas famílias inteiras que fazem das ruas, pontes e viadutos seus lares, agravando um problema que revela o quanto injustas são as cidades brasileiras.

Apesar disso, e a contrário do que prometeu durante a campanha eleitoral, no final de fevereiro deste ano o Governo Federal anunciou um corte de R\$ 5,1 bilhões no orçamento do programa *Minha Casa, Minha Vida*, reduzindo de R\$ 12,7 bilhões para R\$ 7,6 bilhões os recursos previstos para 2011. Com isso, a meta de 500 mil novas moradias em 2011 cai para 300 mil e o déficit habitacional que, segundo dados do censo 2010 do IBGE, é de 7,2 milhões de famílias, diminuirá apenas para 6,9 milhões. Ao todo, essa redução orçamentária representa 40% do valor total do programa e faz parte de um corte geral de R\$ 50 bilhões no orçamento da União.

A medida contradiz e dificulta a realização do que disse a presidenta Dilma Rousseff ao ser eleita, quando afirmou que “é possível fazer mais de 2 milhões de casas nesses quatro anos, até porque aprendemos a fazer”.

De acordo com a ministra do Planejamento, Miriam Belchior, a redução do limite para gastos com o *Minha Casa, Minha Vida* deve-se ao fato de que a segunda fase do programa, incluída em uma medida provisória, ainda não havia sido aprovada pelo Congresso Nacional até então, fazendo com que o programa vigore por apenas oito ou nove meses em 2011, reduzindo a necessidade de gastos.

Entretanto, como considerar que não há necessidade de se gastar todo dinheiro disponível no principal programa habitacional do país quando atualmente uma em cada quatro pessoas vive em favelas e se tornou comum observar em qualquer cidade homens e mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos vivendo como animais, comendo comida estragada do lixo e morando em casebres de papelão, debaixo das pontes ou simplesmente nas calçadas das ruas?

De fato, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) encomendado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o Brasil precisará investir R\$ 3,2 trilhões até 2022 para construir as 23,1 milhões de moradias necessárias para zerar seu déficit habitacional, além de outros R\$ 2 trilhões em infraestrutura.

O pior é que nenhum corte foi realizado nos juros que são pagos religiosamente aos banqueiros através da chamada dívida pública, que consome mais de 30% do orçamento do governo e serve unicamente para enriquecer um punhado de capitalistas e especuladores da bolsa.

Como se vê, não é de cortes, mas de maiores e mais pesados investimentos que o país precisa para resolver o problema da moradia.

O impacto desse corte será sentido principalmente pelas famílias pobres, responsáveis por 57% das unidades do Minha Casa, Minha Vida contratadas em 2010. Como o programa utiliza apenas recursos da União para a construção de casas para as famílias com renda mensal de até 3 salários mínimos (60% da meta do governo de construção de 2 milhões de casas entre 2011 e 2014), somente essa faixa de renda será atingida pelo corte. As demais faixas atendidas pelo programa (de 3 a 10 salários mínimos) não sofrerão com a redução no orçamento, uma vez que recebem verbas do FGTS.

Uma lógica perversa, quando se sabe que quase 90% do déficit habitacional brasileiro está concentrado nas famílias que ganham até 3 salários mínimos e que veem no *Minha Casa, Minha Vida* a possibilidade de conquistar a casa própria.

O fato é que a política habitacional brasileira sempre foi centrada na oferta de crédito para a obtenção da propriedade privada, sem que as necessidades habitacionais da população pobre fossem atendidas. De acordo com o Fórum Nacional de Reforma Urbana, para atender as necessidades habitacionais dessa população é preciso um conjunto de medidas que “articule o aproveitamento dos imóveis públicos vazios e subutilizados; a aplicação da concessão de uso especial para fins de moradia; a adoção de novos regimes de propriedade imobiliária como, por exemplo, as propriedades cooperativas; o aperfeiçoamento das modalidades de financiamento e a adoção de novas modalidades de oferta de serviços habitacionais como, por exemplo, o aluguel subsidiado; e a assistência técnica articulada com recursos para a promoção habitacional por autogestão ou para a compra de materiais de construção”.

Portanto, as famílias pobres que viram o sonho da casa própria ainda mais distante não podem esperar dos governos a solução dos seus problemas. Para elas, não há outra alternativa a não ser se organizar para conquistar na luta o direito humano de morar dignamente.

## Balanço do trabalho do MLB

Foi para conquistar esse direito que o MLB nasceu. De lá pra cá já se passaram 12 anos, período no qual crescemos, chegamos em estados e cidades onde não atuávamos, fortalecemos nossa presença no sudeste, promovemos diversas ocupações, passeatas e protestos, sempre pautando a luta pela reforma urbana e pelo socialismo e a necessidade de organizar o povo pobre para conquistar uma vida digna e um país justo.

Agora, cabe ao nosso 3º Congresso Nacional fazer um balanço de todo esse trabalho, analisar os aspectos positivos que devem ser mantidos e corrigir os erros e defeitos ainda existentes em nossa atividade.

O MLB, ao contrário de outras organizações e movimentos que atuam no campo da reforma urbana, vem sustentando ao longo dos anos que a principal forma de luta pela moradia deve ser o enfrentamento de massas ao déficit habitacional e à especulação imobiliária através das ocupações urbanas, pois a vida tem demonstrado que os ricos e poderosos e os seus governos nunca atenderão às necessidades do povo pobre sem a pressão popular das ruas.

Essas ocupações ainda cumprem outro papel: elas servem para aumentar a visibilidade e a força do MLB e para recrutar mais militantes para o movimento. De fato, não fossem as ocupações de Leningrado, Djalma Maranhão, Vila Corumbiara, Mércia de Albuquerque, Mulheres de Tejucupapo, Dom Helder, Bárbara de Alencar, Mandu Landino, Chico Pinto, Olga Benário e tantas outras, não teríamos a força e a influência que temos, nem muito menos teríamos conquistado as recentes vitórias em Diadema, Duque de Caxias, Jaboatão, Natal, Fortaleza, Feira de Santana e em várias outras cidades onde o MLB atua e organiza as famílias sem-teto.

Entretanto, apenas ocupar não basta. Não importa quantas ocupações e manifestações promovamos, enquanto existir em nosso país o capitalismo não conquistaremos cidades democráticas e nossos direitos mais elementares continuarão sendo desrespeitados.

Foi pensando nisso e em como tornar o MLB num instrumento da luta do povo brasileiro por uma nova sociedade, que em 2008 promovemos o nosso 2º Congresso Nacional, em Natal, cuja realização foi fundamental para o amadurecimento político e orgânico do movimento. Nesse congresso definimos que a luta pela reforma urbana, para ser vitoriosa, deve ser acompanhada da luta pelo socialismo.

A partir daí iniciamos um rico processo de debate e formação política entre os militantes do MLB e as famílias organizadas pelo movimento, processo esse que ainda não chegou ao fim, mas que já nos possibilita enfrentar e resolver várias dificuldades do nosso trabalho cotidiano, como por exemplo, manter mobilizadas as famílias que já conquistaram suas moradias graças à luta do MLB.

Nosso 2º Congresso Nacional também foi responsável pelo aumento da presença e da influência nacional do MLB e pela convocação da 1ª Caravana Nacional do MLB a Brasília, realizada em novembro de 2009 e que foi um marco na história do nosso movimento.

Mesmo com tudo que fizemos, ainda temos um longo caminho a percorrer. Para fazê-lo com decisão e perseverança, nunca podemos perder de vista a perspectiva socialista do trabalho do MLB. Pensar que o trabalho do MLB é apenas lutar pela casa, subestimando todas as outras possibilidades de ação, é um grave engano e que deve ser superado entre nós. Diversas são as lutas que podem e devem ser desenvolvidas nas localidades onde atuamos: a organização de associações de moradores, clubes de mães, rádios comunitárias, donas de casa, jovens, mulheres, desempregados, a luta pelo saneamento, por emprego e saúde, contra a violência, etc., nunca esquecendo que devemos transformar os bairros, vilas e favelas em importantes centros da luta popular.

### **Desafios do nosso trabalho nos bairros, vilas e favelas**

Como dissemos, a imensa maioria dos trabalhadores brasileiros vive nos bairros pobres, vilas e favelas do país. É nos bairros que as pessoas passam uma grande parte do seu tempo. Nesses lugares, de um modo geral, se estabelecem laços muito profundos entre seus moradores, laços que são reforçados não apenas pela sua posição comum de explorados e pelos problemas vividos pela comunidade, mas, principalmente, pelas lutas em defesa de seus interesses.

Nos bairros, vilas e favelas, através das lutas e da organização de seus moradores, o MLB pode desenvolver rapidamente a consciência de classe dos trabalhadores que aí vivem, mostrando-lhes o verdadeiro caráter dos governos a serviço dos ricos, o papel e a força da unidade e da organização, a importância da luta por seus direitos imediatos e a necessidade da criação de uma nova sociedade, de uma sociedade sem a exploração do homem pelo homem, de uma sociedade socialista.

Como sabemos, a vida nessas comunidades não é fácil. Uma verdadeira guerra é enfrentada todos os dias pelos seus moradores. Não falamos aqui apenas da guerra do tráfico, que mata dezenas de pessoas todos os dias e leva nossos jovens para um caminho sem volta, ou da violência policial, que castiga a população pobre e mata inocentes. Também há a guerra contra a fome, o desemprego, a prostituição, o lixo e as doenças.

Portanto, uma série de lutas podem ser desenvolvidas nesses lugares. Muitas vezes nos limitamos a lutar somente pela moradia, esquecendo que existem outros problemas que também podem mobilizar a comunidade. Entre eles, destacamos a falta de saneamento básico, de posto de saúde, escola, creche, transporte, os altos preços dos alimentos e a necessidade de regularizar a área ocupada pelas vilas, favelas e ocupações urbanas.

A forma como cada uma dessas lutas vai ser organizada depende da realidade de cada local. Mas uma coisa é certa: *sem organização não chegaremos a lugar algum*. Portanto, comecemos organizando núcleos de base do MLB nos bairros, vilas e favelas, produzindo panfletos e jornais do movimento, promovendo palestras e debates sobre os problemas da comunidade e organizando a luta para resolvê-los. Ocupações, caminhadas, painéis e piquetes são importantes formas de luta e que já demonstraram na prática que são o caminho a ser seguido para fortalecer a organização do MLB.

### *O passo a passo da ocupação*

Para nós, a ocupação é a principal forma de luta e nesse terreno já acumulamos uma importante experiência, que deve ser sempre repassada e melhorada.

Hoje, muitos movimentos deixaram de realizar ocupações urbanas, dando preferência aos acordos com governos ou ao atendimento das famílias que podem pagar por um terreno. Dessa forma, esses movimentos ficam reféns dos governos e abandonam as famílias que mais precisam de um teto, tornando-se dependentes dos interesses de determinada prefeitura, governo, vereador ou deputado.

Não achamos que seja correto adotar esse tipo de “atalho”. Para o povo pobre conquistar o direito humano de viver dignamente é preciso ocupar, ocupar e ocupar.

O primeiro passo para organizar uma ocupação é escolher a região onde cadastrar as famílias. A coordenação do movimento deve estudar as características da região, principalmente avaliar as condições de moradia do povo e a inserção do MLB na comunidade. Caso a atuação do movimento seja recente, não tem problema, pois através do porta a porta, de panfletagens e outras atividades poderemos aos poucos conquistar a confiança da população.

Escolhido o local, a coordenação deve se dedicar a ir de casa em casa convocando as famílias para participarem das reuniões do núcleo do MLB, que já devem ter local e horário definidos. Nessas reuniões devemos preparar as famílias para a ocupação, tirando suas dúvidas, explicando o que é uma ocupação e quais as regras e atividades que cada um deve fazer para que seja bem sucedida.

Para mais detalhes sobre o processo de organização das ocupações, devemos estudar o *Manual da Luta*, que pode ser solicitado ao coordenador do MLB no estado.

### *As regras para ser membro do MLB*

Para conquistar vitórias, o MLB precisa ser organizado. Por isso, o nosso movimento deve ter regras e essas devem ser respeitadas por todos os militantes.

A primeira regra fundamental para fazer parte do MLB é participar das reuniões dos núcleos. Cada pessoa ou família tem como obrigação a participação nas reuniões semanais do movimento. Assim, todos podem contribuir com a preparação das lutas e a organização do MLB. A pessoa ou família que faltar três reuniões consecutivas sem uma justificativa plausível deverá ser excluída do movimento. A participação em panfletagens, atos, manifestações e, principalmente, nas ocupações é também obrigatória.

Outra regra é a contribuição mensal ao MLB. As famílias devem contribuir financeiramente para garantir o desenvolvimento das nossas atividades e lutas.

### *A pontuação*

Só conquista quem luta. Esse é um dos nossos lemas. Afinal, é justo que obtenham conquistas somente os companheiros que participam das lutas. Ao final de cada reunião ou

atividade deve ser registrado em ata o nome dos presentes para a coordenação poder acompanhar quem realmente está participando das lutas do MLB.

Como nem sempre as primeiras conquistas do movimento dão para atender todas as famílias organizadas, é importante colocar em prática a pontuação. Estar em dia com a contribuição do MLB e a participação em cada uma das reuniões valem 1 ponto; já se fazer presente nas atividades de rua, 2 pontos. As famílias com mais pontos serão contempladas primeiramente. Dessa forma, consolidaremos a disciplina dos membros do MLB e não cometeremos nenhuma injustiça na hora de efetivar as conquistas.

### **Fortalecer a organização do MLB é o caminho para vencer**

Outra questão importante é a organização do MLB.

Apesar de termos conquistado importantes vitórias recentemente, é fato que poderíamos ter avançado mais se não fossem as várias debilidades que ainda enfrentamos no processo de organização e consolidação do MLB nos estados onde atuamos.

É hora, portanto, de aproveitarmos esse rico momento de reanimação dos movimentos populares no Brasil e no mundo que estamos vivenciando para discutirmos e termos clareza nos passos que devemos dar para vencer nossas dificuldades e construir um movimento ainda mais forte, coeso e consolidado, capaz de mobilizar as amplas massas do país e ser vitorioso na luta pela reforma urbana e pelo socialismo.

Primeiramente, temos que vencer a falta de planejamento e organização com que na maioria das vezes ainda tratamos o nosso trabalho nos bairros. Para isso, devemos criar as coordenações estaduais onde ainda não existem e fortalecer as já existentes, garantindo suas reuniões periódicas e a divisão das tarefas e responsabilidades entre seus membros, pois dessa forma teremos mais companheiros e companheiras para assumir a responsabilidade de organizar e dirigir o trabalho do MLB.

É evidente que o tamanho e a periodicidade das reuniões das coordenações estaduais variam de acordo com a realidade do trabalho em cada estado. Onde o MLB ainda está pequeno ou em fase inicial, até mesmo um grupo de três companheiros e companheiras pode formar um coletivo coordenador, que será ampliado à medida que o movimento se desenvolva.

Já onde o movimento está maior, devemos ter coordenações de 15, 20 e até mais companheiros. O importante é que em cada estado tenha um coletivo que não passe mais de 15 dias sem se reunir, com capacidade de planejar e organizar as lutas, as atividades, os núcleos, as finanças e a formação política e ideológica dos nossos militantes, ou seja, com capacidade de construir o MLB em cada estado, sempre em sintonia com a linha discutida e aprovada pela coordenação nacional.

Além disso, já não é sem tempo enfrentarmos a questão da desorganização e da subestimação dos núcleos de base do MLB, prestando-lhes o apoio e a assistência necessários para possibilitar uma formação política mais rápida de nossos militantes. A experiência tem nos mostrado que onde a organização do MLB é devidamente valorizada rapidamente verificamos avanços e conquistas no trabalho.

Logo, as coordenações locais do MLB devem acompanhar de perto a organização e o desenvolvimento dos núcleos, se preocupando sempre em identificar quais as principais dificuldades e as formas de crescer e melhor organizar cada núcleo. Afinal, um núcleo mal organizado leva inevitavelmente ao afastamento dos militantes do movimento.

A coordenação deve discutir e eleger um ou mais responsáveis por cada núcleo, que devem coordenar e organizar as reuniões. Esses coordenadores são fundamentais para o desenvolvimento desses coletivos, afinal, eles serão os responsáveis por transmitir os informes da coordenação para a base.

É importante que os companheiros responsáveis pelos núcleos não hajam burocraticamente. Eles precisam agir com segurança, firmeza e sempre preocupados em transmitir o espírito de luta e a certeza da vitória para as famílias. É preciso entender que o comportamento das base é reflexo do espírito dos coordenadores do MLB. Se um coordenador chega a uma reunião desanimado e sem entusiasmo, as pessoas agirão da mesma maneira.

Os núcleos do MLB devem se reunir periodicamente e nessas reuniões devem não só discutir o encaminhamento das lutas desenvolvidas pelo movimento, mas as finanças necessárias para a sustentação material do MLB, além de estudar textos ou assistir vídeos que contribuam para a formação política e ideológica dos militantes, afinal, a luta do MLB é por uma nova sociedade, onde não haja a exploração do homem pelo homem, a sociedade socialista. Para isso, devemos sempre trabalhar para elevar a consciência dos nossos companheiros e companheiras, de modo a vencer os vícios e a ideologia capitalista presentes em cada pessoa e criar e fortalecer a ideologia e a consciência revolucionária.

Nunca é demais repetir que um instrumento fundamental para avançar a consciência dos militantes do MLB é o jornal A Verdade. É importante trabalharmos bastante com A Verdade nas reuniões dos núcleos, estudando as principais matérias e garantindo que todos os companheiros adquiram o jornal.

Também não devemos esquecer que os núcleos do MLB são permanentes. Eles são formados durante o processo de organização da ocupação, por exemplo, e continuam a existir após esta.

A ocupação, aliás, é um dos passos – podemos dizer o principal – para a conquista da moradia e a formação de homens e mulheres conscientes. Mas, após a ocupação, as lutas continuarão para garantir a conquista do terreno, a aprovação do projeto e a liberação das verbas para construção das moradias.

Além disso, mesmo após a construção das moradias nossa luta não termina, pois queremos escolas e creches próximas às nossas casas, transporte de qualidade e emprego digno. Por isso, as lutas do MLB não param e os núcleos devem estar organizados permanentemente, pois é através das lutas que o movimento atinge mais pessoas e cresce. Não é à toa que os estados onde o MLB está mais desenvolvido são aqueles onde foram realizadas mais lutas.

Essas lutas também são necessárias para a formação dos nossos militantes, pois através delas nossos companheiros perdem o medo dos enfrentamentos e a ilusão na falsa democracia burguesa em que vivemos.

Assim, o processo de construção dos núcleos do MLB e das coordenações se dá ao mesmo tempo em que as lutas são desenvolvidas.

### **Avançar na formação política dos nossos militantes**

Outro aspecto importante do trabalho do MLB e que não pode ser esquecido por seus militantes e dirigentes é a formação política de nossos companheiros. De fato, seria absurdo imaginar um médico que não conhecesse as regras da medicina, ou um engenheiro que não soubesse de engenharia. Da mesma forma é absurdo querer conquistar a reforma urbana e o socialismo em nosso país sem conhecer e dominar a temática da reforma urbana e os conceitos fundamentais do socialismo.

É verdade que nesse terreno tropeçamos em muitas dificuldades. A principal delas é que a base do MLB é composta, em sua maioria, de pessoas que tiveram seu direito à educação de qualidade negada pelo capitalismo e, por isso mesmo, não sabem ler ou têm dificuldade na leitura e na compreensão de textos. Entretanto, esse problema jamais deve ser encarado como justificativa para que não desenvolvamos entre os membros e a base do movimento um intenso

trabalho de formação política, começando pela alfabetização dos que não sabem ler, chegando à explicação dos fundamentos da reforma urbana e do socialismo.

Nos bairros, vilas e favelas temos uma realidade favorável para o debate político, pois é nesses lugares que o desemprego, a violência e a ausência de políticas sociais se fazem sentir com mais força. Se soubermos utilizar essa realidade para estimular a discussão dos problemas enfrentados pelos trabalhadores por meio de exemplos concretos, aos poucos conseguiremos superar todas as dificuldades no trabalho de formação política dos membros do MLB.

Como já foi dito, um instrumento que nos ajudará nessa batalha é o jornal A Verdade. Nele encontramos denúncias dos crimes e injustiças cometidos contra os trabalhadores e o povo pobre, relatos das lutas e conquistas do povo brasileiro e a propaganda dos conceitos fundamentais do socialismo. Por isso, todos os militantes do MLB devem adquirir e ler seu jornal, além de realizar plenárias semanais nas ocupações, bairros, vilas e favelas onde a leitura e o debate de A Verdade devem estar no centro da discussão.

Também devemos editar livros, cartilhas, produzir documentários e promover periodicamente cursos de formação política sobre o socialismo, a história das lutas e dos heróis da classe trabalhadora e sobre temas importantes da reforma urbana, como habitação, saneamento, transporte, estatuto das cidades, plano diretor, etc. Tudo isso servirá para que tenhamos uma intervenção mais qualificada nos espaços onde atuamos e para que possamos formar mais companheiros e companheiras para assumir as tarefas de direção do MLB.

### Nossa política de finanças

O nosso 3º Congresso Nacional também deve resolver o problema da política de sustentação material do MLB. De fato, muitas vezes as nossas melhores ideias não são colocadas em prática por falta de condições financeiras. Por isso, superar nossas limitações nesse terreno é uma tarefa imediata de todos os militantes do MLB.

De cara, a pergunta que devemos nos fazer é a seguinte: quem deve sustentar a luta do MLB? Não há dúvidas de que o movimento e suas lutas devem ser sustentadas, principalmente, pelo povo pobre dos bairros, vilas e favelas onde atuamos, uma vez que “a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores”. Logo, nossas finanças estão diretamente ligadas ao nosso trabalho de massas.

Essa deve ser a linha política central do nosso trabalho de finanças. Devemos discuti-la *permanentemente* em todos os núcleos de base do MLB e torná-la pauta de debate nas assembleias e encontros, sempre se preocupando em reafirmar seu caráter ideológico e sua importância política para a luta.

Planejar esse trabalho também é outra necessidade. Não nos esqueçamos de que a espontaneidade é inimiga do trabalho consciente e organizado. Portanto, ao discutir nosso trabalho de finanças devemos sempre estabelecer metas e objetivos, eleger companheiros responsáveis pelo cumprimento das tarefas e acompanhar seu trabalho.

Três devem ser as fontes principais de finanças do MLB: a) a contribuição individual do militante; b) os amigos e aliados do movimento e c) os projetos. Todas têm sua importância e devem ser desenvolvidas.

A contribuição individual do militante é a mais importante, pois estabelece um vínculo material deste com o MLB, além de ter um importante papel ideológico na formação e educação das pessoas. Por ser pequena, muitas vezes é subestimada por nossos companheiros, que ficam meses sem pagá-la. Essa postura descompromissada e egoísta (têm-se dinheiro pra tudo, menos para o MLB) deve ser combatida entre nós por meio de uma luta política permanente para que todos paguem sua contribuição em dia.

Em segundo lugar, temos as finanças que podem ser arrecadas entre os amigos e aliados do trabalho do MLB. Pouco temos feito nesse sentido. Esses companheiros muitas vezes são procurados apenas nos momentos de grandes eventos e emergências. Devemos superar esse problema e formar uma grande rede de amigos do MLB (arquitetos, engenheiros, profissionais liberais, pequenos comerciantes, etc.) e manter com eles um contato permanente.

Por fim, os projetos têm sido de grande importância para o nosso desenvolvimento. Por meio deles podemos promover cursos, encontros, lançar jornais e cartazes, confeccionar camisas, bonés, bandeiras e vários outros materiais de propaganda do MLB. Portanto, devemos estudar e planejar bem quais projetos desenvolver em cada estado e nacionalmente. Também temos que nos preocupar com a capacitação de cada vez mais companheiros para o trabalho de elaboração, acompanhamento, execução e prestação de contas dos projetos do MLB.

Como vemos, um grande desafio nos aguarda e deve ser uma preocupação constante dos militantes e dirigentes do MLB criar os meios necessários para vencê-lo. Nesse sentido, devemos fazer mais lutas, mais ocupações, passeatas, pannels, etc., pois somente crescendo nosso trabalho de massas construiremos melhores condições financeiras para desenvolver nossa luta.

### **Nossa atuação na CMP e no Fórum Nacional de Reforma Urbana**

O crescimento do MLB e a necessidade de desenvolver um trabalho de caráter nacional fez com que passássemos a fazer parte da Central de Movimentos Populares (CMP) e do Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNRU). Essa experiência tem sido importante para o MLB, pois nos possibilita o intercâmbio com diversas organizações do campo da reforma urbana e o nosso amadurecimento político sobre questões fundamentais dessa luta.

Desde o começo sempre valorizamos a nossa participação nesses espaços e nos esforçamos para contribuir da melhor forma possível para seu fortalecimento.

Entretanto, desde o início do governo Lula, em 2003, a CMP tem sido esvaziada pela corrente que hegemoniza sua direção, tornando-se uma entidade pouco atuante. Prova disso é a quantidade de reuniões da Direção Nacional realizadas nesses 8 anos (o mais comum tem sido marcar e logo depois desmarcar essas reuniões com a alegação de que falta dinheiro para realizá-las) e as edições do jornal da CMP, antes tão frequentes, hoje não saem mais. Mas não é só: a Central nacional não tem site, não promove mais encontros e plenárias nacionais, seus setoriais não funcionam e a sua atuação se limita a participar das conferências nacionais setoriais (Cidades, Saúde, etc.) e de uma ou outra atividade. Essa é a realidade da CMP nacional.

O MLB possui 6 membros, entre titulares e suplentes, na Direção Nacional da CMP e que sempre brigaram, apesar das várias manobras e argumentos despolitizados para nos enfraquecer, para que a Central voltasse a ser o que era, ou seja, uma entidade atuante e a serviço da unidade do movimento popular.

Defendemos uma CMP combativa, classista, independente, democrática e de luta. Não podemos deixar que a Central se transforme em instrumento para a satisfação de interesses pessoais ou apenas para fazer “articulações” governamentais.

Nesse sentido, devemos fazer uma autocrítica da nossa atuação nas CMPs estaduais e fortalecer a presença e a participação do MLB dentro da Central, não para ganhar a direção majoritária da entidade, mas para tornar a CMP novamente num centro de aglutinação e articulação do movimento popular, pois “Central é pra lutar!”.

Quanto à nossa participação no Fórum Nacional de Reforma Urbana, sempre nos colocamos à disposição para construir esse espaço democrático dos movimentos e organizações da reforma urbana no Brasil. Sempre que nos é possível participamos de suas reuniões e devemos, agora, aumentar nossa presença nos fóruns estaduais para, junto com outros

movimentos, fazer avançar a luta pela reforma urbana em nosso país, mesmo que alguns se incomodem com isso.

### **Por que lutamos pela reforma urbana e pelo socialismo**

No Brasil, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 54,6 milhões de pessoas vivem em moradias precárias, morando nas favelas ou loteamentos clandestinos, com ausência de sistema de esgoto, coleta de lixo ou água encanada. Hoje, cerca de 80 milhões de brasileiros sobrevivem com uma renda mensal de até dois salários mínimos, sendo que desses, 16 milhões têm uma renda de até 70 reais por mês. Com esse dinheiro, essas pessoas são obrigadas a se alimentar, se vestir, comprar remédios, pagar aluguel, transporte, etc.

Todos os anos, centenas de pessoas morrem vítimas de enchentes e deslizamentos. Somente no primeiro semestre de 2011, foram mais de mil mortes em todas as regiões do país.

Mas, se por um lado o povo vive mal, por outro, os ricos ficam cada vez mais ricos. Em 2010, o lucro de 268 empresas brasileiras chegou a 73 bilhões de reais, 11,9% maior do que no ano anterior. Somente nos três primeiros meses de 2011, 307 empresas lucraram a enorme quantia de 51 bilhões de reais.

Como se não bastasse todo esse dinheiro, o Governo Federal continua desviando através do pagamento dos juros da dívida pública cerca de 200 bilhões de reais todos os anos, dinheiro que poderia resolver o problema da habitação, da saúde ou da educação, mas que vai para o bolso dos capitalistas nacionais e estrangeiros.

Toda essa situação é resultado do sistema econômico existente no país, o capitalismo, que explora e oprime os trabalhadores em benefício de uma minoria de ricos.

No capitalismo, as fábricas, as terras, máquinas, prédios, terrenos, transportes etc., são propriedade privada de um punhado de famílias, a burguesia. Nessas fábricas e terras, trabalham dezenas de milhões de pessoas, mas tudo o que produzem pertence aos donos desses meios de produção, os capitalistas e latifundiários.

Com exceção do salário que recebem, tudo o que os trabalhadores produzem passa para as mãos dos ricos e constitui os seus lucros. Tanto as máquinas como todos os avanços técnicos e tecnológicos servem unicamente à burguesia, que acumula riquezas aos milhões. E desta riqueza os trabalhadores obtêm apenas migalhas. Dito de outro modo, o povo trabalha em benefício dos ricos e em troca de um salário, de um pão.

Portanto, o fato de os meios de produção se encontrarem nas mãos de uma única classe, a burguesia, é o que permite, de um lado, o trabalhador não ser dono daquilo que ele produz e, de outro, o capitalista tomar posse de todas as mercadorias produzidas pelos trabalhadores. É essa condição, a propriedade privada dos meios de produção, que obriga todos aqueles que não possuem meios de produção, a imensa maioria da população, a vender sua força de trabalho aos capitalistas.

Não restam dúvidas de que esse sistema tornou impossível uma reforma urbana que resolva os graves problemas de nossas cidades. Afinal, como podemos acabar com a falta de moradia, saneamento, transporte público e com a violência que toma conta das cidades brasileiras se no Brasil a grande maioria das fábricas, dos prédios e terrenos, dos sistemas de transporte e do dinheiro está nas mãos de algumas dezenas de famílias capitalistas? Pode o povo trabalhador ter uma vida digna, quando os ricos concentram em suas mãos todas essas riquezas?

Na verdade, o capitalismo transforma tudo e todos em mercadorias e a lógica da sua atuação é a lógica do lucro. Logo, a edificação das cidades na sociedade capitalista também atende a essa lógica, criando uma verdadeira separação entre ricos e pobres dentro de uma mesma cidade.

De fato, o que vemos é a construção para os ricos de bairros luxuosos onde se tem acesso a tudo: saúde de qualidade, boas escolas, parques e áreas de lazer, segurança permanente, etc. Já para os pobres a realidade é outra. O que nos é oferecido são cidades injustas e opressoras, onde o acesso a serviços básicos é sempre dificultado. Mesmo quando há interesse dos governos de construir moradias populares, estas na maioria das vezes estão localizadas longe da cidade, fazendo com que o povo pobre não possa usufruir de todas as possibilidades oferecidas pela cidade.

Este é a lógica da cidade capitalista, uma cidade construída para quem tem dinheiro.

Por sua vez, o socialismo é um sistema econômico e social oposto ao capitalismo. Nele, existe a propriedade social dos meios de produção e a distribuição dos produtos é realizada com base nos interesses dos trabalhadores e no princípio de cada qual segundo seu trabalho.

Enquanto que no capitalismo a propriedade privada sobre os meios de produção separa os homens e impõe a estes a submissão e a exploração, a concorrência etc., no socialismo, graças à propriedade social dos meios de produção, os homens trabalham unidos e em colaboração; a força de trabalho deixa de ser uma mercadoria e põe-se fim à mais-valia, à fonte do lucro.

Por isso, o único meio seguro e definitivo de acabar com a miséria do povo é transformar o atual e injusto sistema econômico, é pôr fim à apropriação privada das riquezas produzidas pelos trabalhadores e estabelecer o sistema socialista. Isto é, pôr as fábricas, as terras, os bancos e o Estado nas mãos do povo trabalhador. Com essas mudanças, já não serão os ricos que se apropriarão dos frutos do trabalho dos trabalhadores e do povo.

A sociedade é quem mais ganhará com essa transformação, porque todos trabalharão bem mais, sabendo que o que produzem é para todos, para sua família e para seus companheiros, e não para os capitalistas, como acontece hoje.

As nossas cidades também sairão ganhando, já que passarão a atender às necessidades de todo o povo, não apenas de uma minoria.

É por isso que o MLB acredita que para ser consequente na defesa da reforma urbana é preciso também, ao mesmo tempo, defender o fim do capitalismo e a sua substituição pelo socialismo. Para que tudo isso aconteça, o povo pobre depende principalmente de sua união e da sua luta. Para vencer essa batalha os trabalhadores necessitam estar bastante unidos. Não vai ser uma luta fácil, mas venceremos porque somos milhões e milhões contra apenas algumas centenas de exploradores.

O problema das cidades brasileiras, sob o ponto de vista dos interesses dos trabalhadores, só será resolvido numa sociedade voltada a atender os interesses populares. Para nós, uma cidade democrática e justa só pode ser uma cidade socialista. E é por isso que lutamos pela reforma urbana e pelo socialismo.

## O MLB e o trabalho entre as mulheres

Uma das principais características do nosso trabalho nos bairros, vilas e favelas é a grande participação das mulheres nas lutas desenvolvidas pelo MLB. Hoje, apesar de serem mais da metade da população do mundo, o sistema em que vivemos, o capitalismo, não garante direitos às mulheres nem a seus filhos.

De fato, as mulheres pobres são educadas para tomar conta do lar, e muitas vezes precisam trabalhar fora de casa para sustentar sua família. Prova disso é que atualmente no Brasil mais de 30% dos lares são sustentados por mulheres.

Apesar disso, ainda são tratadas de forma desigual no trabalho, recebem um salário menor que o do homem pelo mesmo trabalho desempenhado, são as primeiras a serem despedidas quando há corte nas empresas e têm muito mais dificuldades para conseguir um cargo de chefia, mesmo se tiver mais capacidade.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres neste sistema dos ricos não param por aí, especialmente se elas forem mães: são obrigadas a deixar as escolas e têm dificuldades de conseguir trabalho porque não existem creches suficientes para poderem deixar seus filhos (apenas 18% das mulheres que precisam de creche pública no país têm acesso a esse serviço).

Entretanto, essas companheiras são as primeiras a se disporem a ir à luta pelos seus direitos e os de sua família. Isso exige de nós especial atenção ao trabalho entre as mulheres e nos coloca diante da necessidade de desenvolver lutas específicas que ajudem a libertá-las da dupla escravidão a que estão submetidas: a escravidão do lar e a escravidão assalariada.

Como não poderia ser diferente, nos bairros e comunidades pobres existe uma série de problemas que prejudicam especialmente as mulheres. Não há trabalho, creches onde deixar os filhos, lavanderias e restaurantes comunitários, os números da violência contra as mulheres crescem sem parar e a ausência de escolas de qualidade e espaços esportivos e culturais faz com que cada vez mais jovens entrem no mundo do tráfico de drogas e do crime.

Devemos usar o exemplo de mulheres que se levantaram contra a exploração dos ricos e foram à luta por uma vida melhor para transformar nossas companheiras em lideranças comunitárias e em dirigentes do MLB. Mulheres como as heroínas de Tejucupapo, Zeferina, negra Tereza, que por mais de 20 anos liderou um quilombo na Bahia, Maria Quitéria, Bárbara de Alencar, Helenira Rezende, Eulina de Oliveira, Zuzu Angel, Olga Benário, Margarida Maria Alves e tantas outras.

É importante lembrar a importância que teve para o MLB a realização, em 2006, do nosso 1º Encontro Nacional de Mulheres do MLB. Esse encontro serviu para aprofundarmos o debate sobre a importância das mulheres na luta pela reforma urbana e pelo socialismo, diagnosticar os principais problemas enfrentados por elas nos bairros e comunidades onde atuamos e definir a atitude do MLB diante de tais problemas.

O nosso 3º Congresso Nacional deve apontar para a realização do 2º Encontro Nacional de Mulheres e para uma maior participação do MLB nas manifestações do Dia 8 de Março e nas conferências municipais, estaduais e nacional de políticas para as mulheres. Muito ajudará nesse trabalho atuar junto com o Movimento de Mulheres Olga Benário, organização de luta das mulheres trabalhadoras recentemente criada e que conta com várias companheiras do MLB.

Juntos, devemos defender as bandeiras de luta específicas das mulheres, tais como salário igual para trabalho igual, saúde pública de qualidade, direito de escolha do momento da maternidade, não à criminalização do aborto e à exploração do corpo das mulheres, contra a violência à mulher e contra o aumento dos preços dos alimentos, bem como o direito à creche, lavanderias e restaurantes públicos que garantam o direito à igualdade de oportunidade e o fim da dupla jornada de trabalho.

## O MLB e a luta pela saúde

O capitalismo é o principal responsável pelo alastramento de doenças e pela morte em escala mundial. Esse sistema cruel é inimigo do direito humano à saúde.

O acesso do povo pobre à saúde depende da construção de sistemas e políticas públicas democráticas. O SUS deve atender a todos independente de idade, sexo, origem ou qualquer outro fator e deve dar especial atenção às ações desenvolvidas nos bairros pobres.

Entendemos a saúde de qualidade na sua integralidade, para além da ausência das doenças, abrangendo as diversas dimensões humanas e sociais vinculadas à qualidade de vida. Para nós, saúde é resultado de condições sociais como o acesso à terra, à água, aos alimentos, à habitação, ao transporte público de qualidade, à energia e ao lazer.

A saúde é um direito humano, econômico, social e cultural diretamente vinculado ao direito fundamental à vida e, portanto, passível de ser exigido de forma imediata.

O direito à saúde é dever do Estado como responsável pela garantia dos direitos da cidadania e, portanto, o Estado deve ser responsabilizado pela não-garantia ou violação dos direitos que deveria preservar. Reivindicar esse direito é uma tarefa do MLB da qual não podemos fugir.

O Sistema Único de Saúde (SUS) é fruto da mobilização e luta do povo brasileiro e representa um avanço na construção de um sistema de saúde com os princípios de universalidade, integralidade, equidade e participação social, porém, temos diversos fatores estruturais que dificultam a efetivação dos princípios constitucionais do SUS, especialmente a política de privatização da saúde aplicada por governos estaduais e municipais e o favorecimento aos planos de saúde particulares. Cabe ao povo brasileiro garantir a efetivação do SUS, seja a partir da participação em conferências e conselhos de saúde, seja através de ações diretas pressionando o poder público.

O MLB deve prestar mais atenção à participação nas conferências de saúde e nos conselhos de saúde. Esses conselhos são instâncias colegiadas de caráter deliberativo, que possuem a prerrogativa legal de fiscalizar e participar da formulação das políticas de saúde, inclusive em seus aspectos econômicos e financeiros.

Devemos lutar contra a privatização da saúde em todos os níveis e para que o sistema público de saúde priorize o atendimento às comunidades pobres e para que problemas como a falta de saneamento e de coleta de lixo sejam resolvidos, livrando nosso povo de doenças que, nos países ricos, foram erradicadas há séculos. O direito humano à saúde deve ser bandeira de luta permanente do MLB.

## O MLB e o trabalho com a juventude

O Brasil possui mais de 50 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que corresponde a cerca de 30% da população. Atualmente, 40% desses jovens vivem em famílias em situação de pobreza extrema.

A cada dois desempregados no país, um é jovem, dois em cada três presos são jovens, e somente três em cada dez jovens têm acesso ao ensino médio.

Nos bairros pobres, vilas e favelas do país, a juventude é violentamente atacada pelos problemas que afetam a população pobre e excluída do acesso à educação de qualidade, cultura, lazer, esporte e emprego.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania, 59% dos jovens brasileiros nunca participaram de atividades culturais realizadas em escolas nos fins de semana; 58% nunca freqüentaram shows ou outras atividades culturais em espaços públicos; 92% nunca foi ao museu e 93,4% nunca visitou uma exposição. Essa é a realidade da juventude em nosso país.

Muitas vezes, pela necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, abandonam a escola ou entram para o mundo do tráfico e da violência. O resultado é que aumenta assustadoramente o número de jovens assassinados pelo tráfico nos bairros pobres ou viciados em drogas como o crack e a cocaína.

Resumindo: fome, desemprego, educação de má qualidade e falta de perspectiva no futuro. Esta é a vida que o capitalismo oferece à juventude brasileira. Por não ter onde morar, até mesmo o direito de construir uma família lhe é negado.

O MLB deve iniciar um trabalho de conscientização e organização da juventude dos bairros e comunidades pobres. Promover debates sobre os problemas específicos enfrentados pelos jovens nesses lugares e utilizar a cultura e o esporte como meio de envolvê-los no Movimento deve ser uma de nossas tarefas. Para isso, devemos iniciar um trabalho em conjunto

com os companheiros da União da Juventude Rebelião (UJR), o que certamente facilitará bastante a tarefa de ganhar a juventude para a luta pela reforma urbana e pelo socialismo.

### **Programa da reforma urbana**

As 10 propostas aprovadas pelo 2º Congresso Nacional do MLB para garantir moradia digna, saneamento ambiental, transporte, coleta de lixo, abastecimento d'água e energia para todas as famílias brasileiras:

- 1 - Fim do pagamento da dívida pública. Dinheiro do povo para o povo.
- 2 - Socialização de todos os grandes monopólios capitalistas e de todos os meios de produção nos setores estratégicos da economia. Nacionalização de todas as estatais privatizadas.
- 3 - Reforma agrária. Nacionalização da terra e fim do monopólio privado da terra.
- 4 - Destinação de todos os imóveis e terrenos vazios para fins de moradia popular para o povo pobre.
- 5 - Fim da especulação imobiliária. Diminuição geral dos preços dos aluguéis.
- 6 - Expropriação da propriedade territorial urbana de todos os capitalistas, pondo fim à propriedade privada do solo urbano.
- 7 - Regularização fundiária e urbanização de todas as favelas, ocupações urbanas e demais loteamentos irregulares.
- 8 - Estatização de todas as empresas de limpeza urbana, energia e transporte coletivo.
- 9 - Anulação dos impostos extorsivos cobrados do povo. Imposto sobre as grandes fortunas e progressivo: quem ganha mais, paga mais.
- 10 - Garantia de emprego e trabalho para todos.

### **Homenagem à nossa grande companheira Valdete Guerra**

No último dia 21 de agosto todos que lutamos pela reforma urbana e pelo socialismo em nosso país perdemos uma grande lutadora do povo pobre. A nossa querida companheira Valdete Guerra, destacada militante do MLB, faleceu vítima de um câncer na cidade de Natal (RN).

Valdete lutava há meses contra a doença e, mesmo com seu precoce falecimento, podemos dizer que venceu: deu-nos uma verdadeira lição de vida ao permanecer na militância mesmo em meio ao tratamento, e ainda deu à luz a sua filha Ester Vitória, provando que a vida não esvai; ela continua pulsando através das outras pessoas, das gerações futuras.

À Valdete o nosso muito obrigado pela fraterna convivência, pelo exemplo de firmeza, humildade e determinação em lutar e vencer. Pode ter certeza, companheira, que seguiremos firmes na tua luta e não desistiremos até vermos o sonho pelo qual viveste e lutaste realizado.

Por isso, decidimos dedicar nosso 3º Congresso à companheira Valdete e a todos que tombaram na luta por uma nova sociedade. A eles nenhum minuto de silêncio, toda uma vida de luta!

Registramos ainda que seu último desejo foi atendido por seus companheiros e companheiras: ser sepultada vestida com a camisa do MLB, tendo a bandeira do seu partido, o PCR, sob seu caixão e ao som do hino dos trabalhadores, A Internacional.

Na edição nº 126, de abril deste ano, o jornal A Verdade publicou um depoimento da própria Valdete, falando sobre sua vida e sua militância, e que reproduzimos a seguir.

\*\*\*

### *Minha vida em Leningrado*

Eu era uma simples dona de casa e mãe de seis filhos. Morava em um bairro conhecido como Felipe Camarão, na Zona Oeste da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Um dia, fiquei sabendo que havia uma ocupação no terreno num bairro do Planalto, próximo de onde eu morava. Então, como vivia no fundo do quintal da casa da minha mãe, não pensei duas vezes. Arrumei o pouco que tinha e fui saber como conseguir um espaço para fazer um barraco na ocupação.

Já em 2004, realizou-se em Natal a maior ocupação do Norte-Nordeste, com cerca de 1.800 famílias. Eu já fazia parte dessa luta com minha família e, daí em diante, comecei a fazer parte do Movimento de Luta nos Bairros (MLB), junto com outros companheiros.

Formamos um grupo com os coordenadores da ocupação para estudar e debater nossa luta. Em seguida, conheci e ingressei no PCR (Partido Comunista Revolucionário). Quando ingressei na coordenação da ocupação Leningrado procurei desenvolver um bom trabalho junto às famílias, buscando ampliar a consciência política das pessoas e mostrando a necessidade de estarmos sempre unidos e organizados.

Mesmo com muitas dificuldades devido aos costumes individualistas que, por anos e anos, são colocados nas mentes do nosso povo, conseguimos libertar muitas pessoas. Junto ao MLB aprendi coisas importantes para mim e para os outros. Uma delas foi saber que é possível fazer a transformação da sociedade e viver em um mundo justo. Aprendi o sentido da palavra companheiro: em qualquer lugar que houver injustiça, somos todos companheiros e amigos.

Tudo foi tão rápido nos cinco anos de luta em Leningrado que hoje parece que foram apenas alguns meses. Tive tantas descobertas desde o início da ocupação, que parece que foi ali que minha vida começou.

Recentemente, descobri que estava com câncer, e tudo mudou para mim. Depois, para minha surpresa, o médico ainda disse que eu estava grávida. Logo iniciei meu tratamento, passei por uma cirurgia, depois por sessões de quimioterapia quando ainda estava grávida, pois os médicos que faziam meu acompanhamento falaram que não iam tirar o bebê, já que devido ao tratamento de quimioterapia seria inevitável o aborto. O que não aconteceu.

Então continuei o tratamento, agora com outro ser dentro de mim. Com sete meses de gravidez, quando ainda escrevia sobre minha história em Leningrado, comecei a sentir dores de contração, e minha bolsa estourou. Fui logo para a maternidade e então tive Ester Vitória, minha nova filha.

Aprendi com a vida que a luta não pode parar, e é isso que trago comigo todos os dias.

*Companheira Valdete, presente!  
Agora e sempre!*